"O Rei dos Jagunços"

RUBENS FALCÃO

Em 1899 saía dos prelos, do "Jornal do Comércio" um livro com esse título. Seu autor: o cearense Manuel Benício, correspondente do órgão centenário Junto às forças legais contra Antônio Conselheiro. Era a crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos, trabalhada no campo das operações de guerra. O próprio Euclides ter-se-ia dela aproximado para escrever **Os Sertões.** Eu não conhecia o livro, hoje raríssimo, pois não passou da primeira edição. Mas Amaury da Costa Velho, homem culto, inteligente e pesquisador, sabendo-me conterrâneo de Benício, que fora seu colega de tabelionato em Niterói e com quem privara intimamente, proporcionou-me o conhecimento das excelentes reportagens. Traçadas sem preocupação estilística, visto que eram preparadas com a angústia que o jornal requer, distingue-se em Manuel Benício uma autêntica vocação de escritor. Há páginas suas verdadeiramente brilhantes. Embora, como declara, desse "ao complexo um tom de romance", pensando assim amenizar a aspereza do assunto, procurou manter-se fiel à narrativa dos sangrentos sucessos.

Querendo acabar com os fanáticos de Canudos, o governo federal foi desapiedado, arrasando o arraial, onde não ficou um único sobrevivente para contar a história. Perseguido pelo clero, que via nele um concorrente à sua influência, Antônio Vicente Mendes Maciel, que nasceu em Quixeramobim, no Ceará, pelos anos de 1828, um dia apareceu "no termo de Itapicuru, na Bahía, vestido de túnica azul de algodão grosso, alpargatas, com uma Missão Abreviada na mão, os olhos baixos, longas barbas e longos cabelos incultos, pregando a religião cristã da forma por que entendia os seus mistérios e dizendo-se enviado de Deus." O truncamento de antepassados abalou-lhe a razão e, desde então, passou a levar vida nômade, com períodos intermitentes de loucura. Preso por suspeito de crime (ele ferira um cunhado que o contivera num dos seus acessos), foi, porém, logo solto, passando a ser seguido por centenas de pessoas. Por onde andava construía igrejas, açudes, cemitérios etc. Obedecido e respeitado, era o velho beato sóbrio de comidas e palavras. Todos o tratavam por MEU PAI. Após peregrinar sem fim pelo interior do Ceará, Sergipe, Alagoas, Pernam-

buco e Bahia, foi arribar ao arraial de Canudos. Governava a Bahia o Dr. Luís Viana quando, em 1896, era remetido para aquele reduto um destacamento de cem praças com o objetivo de expulsá-lo de lá. Mas estas cem praças foram logo postas fora de ação. Na Capital do Estado fervilhavam boatos de todo o tamanho, que davam ao acontecimento uma dimensão extraordinária. Isto impressionara o governador, que acabou apelando para o comandante do distrito militar, General Solon (sogro de Euclides da Cunha). A força para tanto destacada destroçara-se no encontro de Mauá, a 24 de novembro daquele ano. (O episódio é miudamente contado por Manuel Benício, que, segundo o testemunho de Amaury da Costa Velho, era um homem impulsivo, porém incapaz de falsear a verdade).

Nenhuma razão havia para a interferência do governo do Centro em uma questão meramente local. Foi tudo precipitação. Os jagunços, como não possuíssem armas de guerra, atacavam a cacete e facão, como sucedeu à tropa do tenente Pires Ferreira, na escaramuça de Mauá. E quando o Coronel Moreira César, vindo já enfermo do Sul, (ele era epilético) assumiu o comando das operações, chegando a penetrar no arraial, caiu com os seus comandados num cilada preparada pelos sequazes do Conselheiro. Não conhecia o terreno. Mas foi bravo, intrépido e valoroso. Ferido no ventre (antes já o fora no braço), veio a falecer pela madrugada de 3 de março de 1897. Encarregou-se do comando, então, o Cel. Tamarindo, também morto em combate nas proximidades de Umburanas. Sem os seus chefes, os soldados se desorientavam, não sabiam a quem obedecer nem para onde ir, os clarins tocavam mas ninguém atendia, e iam caindo, um a um, sob as balas dos fanáticos escondidos nas matas. Esses eram também liquidados quando lhes caíam nas mãos. O "corta-pescoço" funcionava de lado a lado. Enquanto isso, o anacoreta, refugiado no interior de um templo, rezava e recebia os seus emissários. Mas tudo acabaria com a quarta e última expedição, sob as ordens do General Artur Oscar. Dos seus auxiliares, destacou-se o General Cláudio do Amaral Savaget (morou em Niterói, na antiga rua Vera Cruz, hoje Moreira César). Ferido em Cocorobó, brigou de noite e brigou de dia, "em pé de marcha, sempre valente e infatigável." E quando o comandante-em-chefe mandou avançar sobre Canudos, que já era uma fogueira, morria o Coronel Tompson Flores e eram feridos o Major Cunha Matos e numerosos outros oficiais. Sem munições, o inimigo de posse de 300.000 cartuchos, carros de comida, espingardas etc., a fome e a sede entre os soldados maltrapilhos, mas de um denodo de que a História ainda não se ocupou devidamente, o tumulto era inevitável. "Todo o arraial desmanchou-se em fogo" —

escreve Benício. "Das torres das igrejas, dos casebres, dos oitões, dos alpendres, dos copiares, das praças, das trincheiras, das cercas, do rio, da quixabeira ao lado do Santuário, o fogo estalava e as balas zuniam, esfarelavam-se através dos assaltantes como se sacas de farinha fossem despejados sobre os combatentes." O velho beato teve as coxas atravessadas por uma bala desgarrada. Ferido, foi encontrado morto no Santuário, na manhã de 28 de setembro de 1897.

Cinco mil vidas de oficiais e soldados custou a louca aventura de Canudos. Ao termo da sua narrativa, onde figuram episódios inacháveis no grande livro de Euclides, que algumas vezes teria ido a Niterói informar-se com Benício, comenta este sobre Antonio Conselheiro: "Deixou-se matar pela sua fé, como Jesus; ninguém o pode, pois, chamar de charlatão e ambicioso, quando, com a morte, mostrou ser um verdadeiro crente e mártir da causa que, boa ou má, apostolou. Ele era um convicto; dirão que convicto no erro; mas aos que erram ensina-se a verdade, e não se mata".